

GRELHA GERAL DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Legendas das cores: Entrevistada A – verde      Entrevistada C – Vermelho escuro      Entrevistada E – rosa  
 Entrevistada B – azul      Entrevistada D – cinzento      Entrevistada F - vermelho  
 Entrevistada G – cor-de-laranja      Entrevistada H – roxo

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
<p><b>1. CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS, NO ALGARVE.</b></p>	<p><i>1.1 Experiência dos Coordenadores.</i></p>	<p>- (...) é o vigésimo primeiro ano (...);                      -. (...) estou desde 92, na Coordenação Concelhia (...);                      -. (...) portanto já foi há doze ou treze anos (...);                      -. A minha experiência é desde 1985 (...).                      -. (...) vinte e dois anos (...)                      -. (...) eu tenho catorze anos de trabalhar com adultos (...);                      -. (...) a minha experiência (...) é 26 anos (...);                      (...) há 26 anos que oiço falar de Paulo Freire e nas palavras geradoras (...)                      (...) com quinze anos nisto, no décimo quinto ano (...) aqui na Coordenação (...)</p>

1.2 Educação de Adultos, no Algarve.

(...)Em termos de Educação de Adultos sempre foi um bocado diferente dos outros distritos (...)  
 (...) os professores que estavam a trabalhar na Educação de Adultos eram colocados em regime de acumulação de funções, enquanto nos outros distritos era professores destacados para o efeito (...)  
 (...) o professor em acumulação tem muito menos disponibilidade (...)  
 (...) por outro lado inicialmente eram professores do 1º ciclo que tinham mais a ver com o 1º ciclo do que agora os professores do 2º ciclo não tão à vontade.  
 (...) tem funcionado bem, nós também temos encontros na Direcção Regional onde partilhamos experiências, trocamos estas dúvidas e tentamos que funcione o melhor possível (...)  
 (...) tem sido um polo dinamizador nas comunidades, ao nível do meio rural (...)  
 (...) consegue abranger toda a área..., cada coordenação trabalha com o grupo de pessoas que têm (...)  
 (...) situa-se a dois níveis: é a zona, a região do país em que o quadro de coordenadores e de pessoas ligadas à estrutura regional e outrora à estrutura nacional tem tido maior continuidade (...)  
 (...) A direcção regional, nomeadamente através do seu o Departamento Técnico Pedagógico tem sido um elo muito importante de ligação (...)  
 (...) tem levado a que os coordenadores façam e possam fazer, desenvolvam e possam desenvolver trabalho (...)  
 (...) já está de tal forma implementado que dificilmente (...), deixaremos de ter Educação de Adultos, a não ser que o Ministério corte mesmo ...,  
 (...) as pessoas chegam-nos todos os dias e cada vez mais ..., eu este ano não sei onde é que hei-de meter tanta gente (...)  
 A nível do Algarve (...) penso que alguns concelhos são bastante grandes, outros mais pequeninos (...)  
 (...) sei que já no próximo ano que os cursos de Educação Extra Escolar que vão passar para as Câmaras Municipais (...)  
 (...) a população já é muito idosa, é muito dispersa e como há muitos anos que existe esta oferta, há 23 anos, as pessoas ..., as que tinham idade e interesse, foram fazendo (...)  
 (...) agora em termos de procura, esporadicamente aparece uma pessoa ou outra que precisa do certificado ..., de longe a longe, (...)  
 (...) eu sou uma das pessoas que iniciou os cursos ... (...)  
 (...) as pessoas tem feito o melhor que podem e que sabem e tem investido na sua formação, sempre em prol dos alunos (...)  
 (...) deixaram de existir as coordenações (...)  
 (...) o Algarve realmente tem mesmo nas mudanças..., enfim tem aderido à mudança mas não cortando com o que já está no terreno(...)

	<p>(...) Temos conseguido deixar ficar o que é bom no terreno ..., é uma coisa que tem sido verdadeiro no Algarve. A Direcção Regional disse-nos que nós poderíamos eventualmente fazer acompanhamento destas acções de Educação Extra-Escolar, se as próprias autarquias quisessem. No entanto era necessário dar condições às autarquias, porque as autarquias ficaram com um bebé nas mãos sem ter condições para o criar. Eu acho que tenho trabalhado mais na Educação Extra-Escolar este ano do que o que trabalhei nos outros anos, porque primeiro temos que negociar e idealizar, entretanto essas propostas tem que ser pensadas, medidas, estudadas...</p> <p>A Direcção Regional reduziu os destacamentos e dividiu o Algarve em territórios educativos (...) uma zona que abrange Aljezur, Lagos e Vila do Bispo, que é uma zona, outra zona é Portimão, Lagoa, Silves, Monchique e Albufeira, é a maior zona do Algarve, e onde não tem professores destacados (...) ficámos com três pessoas a menos e com o território maior, (...), ficámos cinco pessoas num território de Monchique, Portimão, Lagoa, Silves e Albufeira, para cinco concelhos, mas com duas cadeias (...) já viu o que é ir fazer acompanhamento dos cursos a Albufeira..., temos muitos cursos lá (...)</p> <p>(...) primeiro tivemos que confirmar os dados que a outra colega tinha deixado, tínhamos receio que não houvesse público e arriscarmos, porque não conhecemos o meio, tivemos que fazer isso, tivemos que contactar as instituições, que as instituições não nos conheciam de lado nenhum, tivemos que dar as caras, à Santa Casa Misericórdia, Centro de Idosos ..., Albufeira então tem imensas instituições..., as próprias escolas ninguém nos conhecia lá..., já não é fácil lidar com escolas, agora imagine num território que a gente não conhece, não tivemos dificuldades em lidar com os nossos pares, mas há quem tenha...</p>
--	--

*1.3 Futuro da  
Educação de  
Adultos, no  
Algarve.*

(...) o que estava falado este ano é que ia tudo para a alçada das escolas (...)  
 (...) foi o que aconteceu nos outros distritos (...)  
 (...) as escolas não estão sensibilizadas para isto (...)  
 (...) isto requer um trabalho de campo muito grande a nível da procura dos candidatos, porque isto não são as pessoas que se vem inscrever com facilidade, porque a vergonha é muita (...)  
 (...) as escolas não tem sensibilidade nem estão despertas para isso.  
 Se continuar a existir um elo de ligação na nossa figura, (...) que continue a fazer a articulação com as escolas, aí penso que poderá continuar (...)  
 por outro lado os cursos EFA (...) tem tido muito boa aceitação em termos das entidades particulares, porque tem sempre uma formação profissional (...)  
 (...) em relação ao antigo recorrente, pois tudo continua com esta dinâmica, penso que é muito útil, nós temos muita gente (...)  
 (...) estamos todos na expectativa para ver o que é que isto vai dar (...)  
 (...) *em termos de futuro está assim um bocado, não digo negro, mas sim um bocado nublado.*  
 (...) *Penso que realmente a educação de adultos é importante, que não deve acabar.*  
 (...) *o que penso é que possivelmente, (...) estes cursos passarão mais para (...) empresas civis, (...), associações (...)*  
 (...) neste momento é um bocadinho vazio dizer alguma coisa porque estamos numa fase de reestruturação do ensino (...)  
 (...) poder-se-á atribuir essa competência aos agrupamentos de escola e cada escola ter uma responsabilidade (...)  
 (...) o adulto vê os muros da escola, como uns muros muito altos, muito distantes (...)  
 (...) a escola muito formal, muito contextualizada, muito formalizada (...)  
 (...) *eu penso que quando nos referimos à Educação de Adultos, pensamos numa aula num clube, numa associação cultural, numa Junta de Freguesia (...)*  
 (...) a escola era sempre o último recurso, quando era único, o caso das aldeias e a escola era um polo de atracção e as pessoas não tinham vergonha de ir à escola.  
 (...) Hoje é complicado pensarmos num sistema de Educação de Adultos, estruturado numa escola EB1 ou numa escola EB23 (...)  
 (...) *acho que se devia continuar com aquilo que já se tem feito até agora (...)*  
 (...) *passam é para as escolas (...)*  
 (...) *a escola não consegue fazer o trabalho que as coordenações fazem (...)*  
 (...) *a escola não consegue fazer o acompanhamento que nós fazemos (...)*  
 (...) *nós acompanhamos os grupos e a pessoa que vai para lá (...)*  
 (...) *a escola não tem possibilidade de acompanhar as pessoas (...)*

(...) tanto a administração central, como a administração regional investiram muito em nós. (...)

(...) As direcções regionais, as direcções gerais, a ANEFA, etc...etc..., investiram muito em nós, agora o que é que se vai fazer a esse capital, a esse capital que existe em cada um dos recursos humanos (...)

(...) Na área de coordenação o país necessita de muita coordenação, a todos os níveis, a nível micro, meso e macro, necessita delas sem falta. (...)

(...) Quais são os nossos eixos estratégicos de intervenção. (...) é o ensino recorrente, que é a educação e a formação , as parcerias que vão interligar e interagir todos estes sub processos, e temos depois toda a questão da aprendizagem das línguas e das novas tecnologias.

(...) Agora estes grandes quatro ou cinco eixos estratégicos, os decisores políticos vão ter que decidir o que vão ter que priorizar.

(...) as parcerias (...) com as autarquias, com as Juntas de Freguesia, com projectos integrados (...)

(...) prestando um serviço à comunidade...(...) ...

(...) acho que a Educação de Adultos no Algarve desenvolveu-se muito, (...), houve muitos projectos, muito trabalho efectuado (...)

(...) a minha ideia é mesmo para acabar, como acabou nas outras regiões, não sei se teremos força para levar avante (...)

(...)Acho que a Educação de Adultos tem que fazer parte das escolas, (...), por um lado e por outro não pode ser tão normalizada, tão espartilhada como é o ensino regular (...)

(...) faz muito sentido que não se acreditem salas de escolas, mas salas de formação, noutros contextos, no Centro de Formação do Centro de Emprego, numa Associação, nas salas de formação, não é a gente ir para barracões sem ter condições para levarmos as pessoas (...)

As escolas ainda estão muito fechadas, ainda não perceberam que a Educação de Adultos anda sempre à frente do sistema de ensino. Quando a gente ouviu falar em competências, os colegas do regular começaram a falar em planificar em função de competências..., já a gente há que séculos que fazia isso ..., percebe, nós irmos ao encontro das necessidades de formação dos outros ... há que séculos que fazia isso ..., não sei onde é que está a novidade ..., se não for assim acho que não faz sentido a educação e a formação (...)

Portanto, eu acho que a Educação de Adultos faz todo o sentido..., é aprender até morrer ... a gente aprende até morrer e aprendemos todos os dias um bocadinho, mesmo inconscientemente a gente aprende ..., e às vezes é tão notório que nem nos apercebemos (...)

<p><b>2. COMPREENDER AS PRÁTICAS EFECTUADAS NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS.</b></p>	<p><i>2.1 Trabalho que desenvolve com mais gosto.</i></p>	<p>(...) é a parte da animação cultural (...)                  (...) dinamizar algumas acções com a comunidade, o nosso público é a comunidade (...)                  (...) a questão da promoção das parcerias institucionais (...)                  (...) a lógica da parceria é uma lógica que tem muito a ver com a destruição dos mitos das quintzinhas de cada um, dos pelouros de cada um e (...)                  (...) procurarmos mais aquilo que nos une do que aquilo que nos diferencia. (...)                  (...) As parcerias são negociadas. O que é que cada um em verdade pode partilhar, pode por em comum. (...)                  (...) o que eu gosto mais de fazer ..., eu gostava muito do extra escolar ...                  (...) nós continuamos a apoiar o extra escolar, só que passou do Ministério de Educação para as autarquias (...)                  (...) nós temos situações em que sabemos que a Educação de Adultos funcionou como uma terapia (...)                  (...) especialmente gosto de ajudar as populações mais isoladas, aquelas que não têm realmente outra forma, outras acções, que não tem possibilidades de se deslocar, ou de participar (...)                  (...) estou a trabalhar com os cursos de educação extra-escolar e portanto gosto também de acompanhar esses cursos (...)                  (...)O contacto com as pessoas (...)                  (...) tento responder, na melhor maneira possível às necessidades daquela pessoa (...)                  (...) gosto muito da animação (...)                  (...) gosto muito de lidar com ciganos (...)                  (...)a animação e acho que a animação poderá ser como que o retorno do começo (...)                  (...) posso conseguir espoletar através da animação competências que não era capaz de desenvolver no espaço de aula formal (...)                  É o contacto com as pessoas e ver depois a evolução das pessoas (...)                  (...) gosto muito de falar com as pessoas, não me importam que sejam negros, brancos, ciganos (...)                  (...) gosto muito de organizar as coisas (...)                  (...) gosto muito de acompanhar os meus professores, ver o que estão a fazer ...</p>
---	---	---

	<p>2.2 Metodologias</p>	<p>(...) o Paulo Freire é o que mais utilizamos...</p> <p>Não, isso não ..., as formadoras é que constróem o material (...).</p> <p>(...) eu já tenho algum trabalho feito, pois tenho feito o levantamento das palavras (...)</p> <p>Poderia haver um manual com algumas orientações..., o Paulo Freire também está um pouco desactualizado ..., devia haver um referencial ....</p> <p>(...) nós utilizamos para o nível de alfabetização, o método de Paulo Freire.</p> <p>(...) dar a tal formação, faço uma reunião com todos os formadores e presto os esclarecimentos, as informações todas, claro em termos gerais (...)</p> <p>É assim eu tive no regular e nem no regular utilizava o manual, portanto muito menos aqui ..., os adultos são um grupo tão heterogéneo que temos mesmo que adequar os materiais ao grupo ..., portanto tem mesmo que ser construído (...)</p> <p>(...) metodologias de intervenção território a território (...)</p> <p>(...) alfabetizam na base, na base daquilo que muitos com a sua intuição , chegam por exemplo lá sem saber o nome (...) vamos trabalhar na base das palavras geradoras, o que é uma palavra geradora, como é que isso se trabalha e muitas vezes vamos por ai.(...)</p> <p>(...) a metodologia que eu de facto tento implementar é esta: consoante o público alvo que nós temos lá vamos arranjar metodologias de intervenção (...) os colegas percebem logo estas duas dimensões: primeiro não infantilizar os próprios adultos, segundo trabalhá-los na base daquilo que nós percebemos ser o seu objecto valor, saber aquilo que eles valorizam mais ...</p> <p>(...) conceitualmente o Paulo Freire é o anti método, (...) eu tenho muito medo dos livros únicos e tenho medo que transformem o Paulo Freire no profeta de livro único, como uma Bíblia, portanto eu não sou muito por ai.</p> <p>(...) agora é o método individual... (...), há uns anos atrás usávamos o método de Paulo Freire, (...)</p> <p>(...) bem se existisse seria uma forma de orientação...</p> <p>Quando entrego uma turma tenho a fotocópia com a fotografia do aluno e a professora fica com o dossier com essas coisas para ..., e eu falo um pouco de cada aluno, pois já os conheço bem , este aluno aplique o global, este aplique x..., até porque os formadores como não têm formação têm um grande desejo de saber como é, e então querem saber como é este método, como é aquele...</p> <p>Fazemos uma abordagem ao método, um esclarecimento, como se deve tratar o adulto, como se deve ensinar o adulto (...) nós demos esta formação para ajudar os professores, falámos sobre o método, quais as suas competências, fizemos o contexto social, porque é que apareceu o método de Paulo Freire e depois como é que a gente aplicava, portanto trocamos ideias, (...), apoiamos as colegas, damo-lhes força, (...)</p>
--	-------------------------	--

Não, não estou de acordo com os manuais. Estou de acordo sim, que se pudesse eventualmente trocar trabalhos, materiais (...).  
 (...) para adultos não faz sentido o manual...  
 Claro que conheço o método...  
 Portanto, naquelas reuniões iniciais, procura-se, portanto, falar nas palavras geradoras, procura-se que elas se sensibilizem para (...)  
 (...) portanto, nós temos a preocupação de utilizar o método de Paulo Freire, só que muitas vezes os professores estão em acumulação e também têm crianças...  
 Eu acho que era muito bom, era bastante rico até (...), mas era interessante também termos um manual sobre o método de Paulo Freire, sobre as palavras, era interessante transmitirmos aos nossos monitores e aos nossos professores ...  
 (...) é muito difícil contornar, é muito difícil, eu penso que é preciso sensibilizar as pessoas para o trabalho que vem desenvolver e para a importância de trabalhar com os adultos, penso que o que temos a fazer é sensibilizar para o trabalho com adultos ...  
 (...) quando os formadores chegam aqui tentamos sensibilizar as pessoas sobre o método, muitas nem querem saber (...) mas a maioria das pessoas utilizam as palavras chave relacionadas com a vida diária dos formandos, vai buscar palavras que eles estão habituados a lidarem no dia a dia, fazem a desmontagem, não são todos (...)  
 (...) se houvesse um manual sobre Paulo Freire se calhar não seria mau ...  
 (...) um manual onde o formando utilizasse a pedagogia dele, podia servir de referência, mas depois acontecia que os formadores só fotocopiavam aquilo e não faziam mais nada. Assim obriga-os a fazer outro tipo de coisas ..., fazem o levantamento das palavras geradoras, do local, das vivências das pessoas (...)  
 (...) as pessoas tem de partir das competências que os adultos tem, (...) temos que ir àquilo que eles já sabem, temos que partir das experiências que eles têm, das coisas que eles gostem de fazer, não é impor ..., até porque eles depois acabam por trazer cá para fora tudo o que vai de encontro a tudo isso, mas tem que ser sempre com o gosto deles, com o gozo deles, com o prazer deles ...  
 (...) as pessoas nunca tinham ouvido falar de Paulo Freire (...)  
 (...) todas as quartas feiras, as pessoas são chamadas à coordenação e vou sistematicamente (...) com a sua experiência de vida, os seus background's (...)  
 Quando falo que temos de ter a filosofia de Paulo Freire (...) palavras geradoras, é tudo novo, e depois é assim tem por exemplo, os grupos são heterogéneos.  
 (...) se as pessoas fossem colocadas em Setembro, se houvesse tempo, oito dias, dez dias para as pessoas trabalharem ...  
 É preciso digerir qual foi o papel de Paulo Freire sobre as massas, ..., o que é alfabetizar, alfabetização, quer dizer só o conceito em si leva meses, quando as pessoas começam a dominar um bocadinho do conceito, acabou o curso, pois porque um ano resume-se nisso para as pessoas (...)

	<p>2.3 Apoio que presta aos docentes.</p>	<p>Material que eu tenho na coordenação (...)          (...) faço o apoio sistemático aos cursos (...)          (...) a própria coordenação estamos cercados destas coisas que nós chamamos livros (...) que até fomento um pouco aos colegas (...)          (...) eu estou aqui muitas vezes à noite, três dias por semana (...) para tratar de assuntos, (...) não só para acompanhar os cursos (...)          (...) não é para me meter dentro das salas de aula, porque não é necessário (...)          (...) fazer o acompanhamento e monitorização, (...) praticando daquilo que nós chamamos observação directa, que é de facto o melhor método a (...)          (...) nós prestamos todo o apoio técnico pedagógico que os docentes precisem          (...) fazemos visitas aos cursos para ver como é que as coisas estão a correr, como é que se está a planificar (...)          (...) é mais material de apoio (...)          (...) a planificação também (...)          (...) no início até fizemos uma abordagem aos alunos, o que é que gostavam mais de ver tratado nestas aulas (...)          (...) Todo o apoio que eles quiserem (...)          (...) tentamos sempre respeitar os interesses do formando, as expectativas que eles trazem (...) é nessa base que vamos construindo o trabalho.          (...) É nesta base de abertura, de respeito..., que nós trabalhamos.          (...) acompanho as horas que elas trabalham (...)          (...) vou muito aos cursos, não com o objectivo negativo de ver o erro, não é essa a minha intenção (...)          A nível de iniciação faço o enquadramento a nível do funcionamento (...)          (...) em relação à relação com os adultos dou os conselhos que a experiência me tem ensinado (...)          (...) a nível técnico pedagógico, pois tudo o que possível e o que estiver ao nosso alcance (...)</p>
--	---	--

	<p>2.4 Observação da prática dos educadores</p>	<p>(...) geralmente eu costumo (...)                  (...) evito de ir logo no início da aula, normalmente vou quase no final, para não interromper os trabalhos (...)                  (...) Não, eu não, quero dizer eu vou às aulas (...)                  (...) vou às aulas mas não estou quando o docente está a esplanar (...)                  (...) o meu papel é um papel de facilitador (...)                  Agora neste papel de acompanhamento e de monitorização eu tenho que ter algumas metodologias, e a principal para mim é (...) periodicamente o ponto da situação por escrito (...)                  (...) Não tenho a prática de acompanhar as aulas (...)                  (...) fazemos visitas aos cursos para ver como é que as coisas estão a correr, como é que se está a planificar (...)                  (...) damos uma olhadela ao tipo de trabalho que o professor está a desenvolver, pergunta-se se há dúvidas se não há, como é que preparou o trabalho...                  (...) com uma certa frequência (...)                  Costumo, até porque quase tudo o que se passa eu sei (...)                  Costumo observar porque me dá prazer, (...)                  (...) dá-me prazer ir aos cursos, falar com as pessoas...                  É assim eu não costumo fazer inspeção...                  (...) quando vou aos cursos vou ver se está tudo a funcionar bem (...)                  (...) é evidente que quando chego vejo o que está acontecendo e se vejo que há coisas que não estão de acordo com aquilo que costumamos falar com certeza que chamo à atenção...                  Sim, costumo.</p>
--	---	--

	<p><i>2.5 Registos</i></p>	<p>Faço, antigamente não fazia, mas a ..., agora (...), fazemos registos ...          (...) a equipa elaborou em conjunto ...          (...) faz-se uma ficha de acompanhamento onde se põe o dia, a hora, o mês, a acção visitada se foi 1º ciclo, se foi acção complementar, número de formandos inscritos, número de formandos presentes (...)          (...) temos tido alguma dificuldade depois em justificar as coisas e chegámos à conclusão que era melhor registar (...)          Estes em grelha na hora, tem que ser feito logo na hora (...)          (...) dou uma aos formadores para eles darem assim uma opinião dos trabalhos.          (...) faço os registos na hora, porque normalmente observamos ao final do dia e já estamos tão cansadas (...)          (...) Ai, não, não, quando tenho alguma observação a dizer (...) faço com a maior das delicadezas (...)          Alguns ..., nos meus cadernos que serei incapaz de os deitar fora (...)          Antes fazia, agora não há tempo para nada (...)          (...) faço os meus registos, na cabeça (...) não é nada formal ...          Não faço muitos registos (...)          (...) um registo formal não tenho...</p>
--	----------------------------	--

	<p>2.6 Reflexões.</p>	<p><i>(...) quando as pessoas sentem necessidade e procuram-me.</i></p> <p><i>Nós temos assim encontros pontuais, (...)</i></p> <p><i>Não, normalmente é aqui, não tenho a preocupação de ser quinzenal, ou mensal, são pontuais ...</i></p> <p><i>Durante a reflexão semanal são abordados diversos temas, desde o aproveitamento das pessoas, (...) vamos falando e o formador faz outra proposta e eu própria também ajudo (...)</i></p> <p><i>(...) mais momentos formais não são os melhores para as pessoas esplanarem, para partilharem connosco uma série de coisas ...(...)</i></p> <p><i>(...) faço um convite constante à reflexão.</i></p> <p><i>(...) são informais, (...)</i></p> <p><i>As reflexões, digamos que são quando nos encontramos...</i></p> <p><i>Muita vez ...(...) costumamos reflectir..., todas as semanas os professores vem aqui e há sempre um bocadinho onde a gente conversa, pomos em comum as experiências (...)</i></p> <p><i>(...) nós sempre que pudemos reflectimos (...)</i></p> <p><i>(...) quando há alguma dúvida elas telefonam, perguntam, se eu sei respondo, se não sei partilhamos ...</i></p> <p><i>(...) reunião semanal, (...) eu costumo dizer o que achei positivo, o que achei negativo, o que é que correu bem ...</i></p>
--	-----------------------	---

	<p>2.7 Relações estabelecidas entre o educador de adultos e o supervisor.</p>	<p>(...) estabelecer uma relação de cooperação, de amizade..., mas por vezes é difícil (...)          (...) é indispensável haver esse clima, penso que sim e penso que quanto mais tempo houver essa relação, (...) mas penso que é fundamental haver uma boa relação.</p> <p>Eu tento que a relação seja o mais positiva possível (...)</p> <p>(...) ponho-me sempre como uma colega e não como uma pessoa que está aqui a dar instruções, autoritária, nunca me ponho nessa posição e tento sempre que eles confiem em mim e pensem em mim numa pessoa a recorrer quando tem que recorrer (...)</p> <p>Olhe puramente de (...) serviço,...</p> <p>(...) eles trabalham aqui seis meses ou sete ou oito e depois rodam. Portanto se há alguns que criam um certo laços a ... afectivos, para além da prestação do serviço público digamos assim ..., outros não chegam a estabelecer esses laços ..., não posso condená-los (...)</p> <p>(...) que eu fomento sempre é inclusivamente o convívio até inter cursos...</p> <p>Olhe é tipo relação de mãe e filhos, é tudo pessoal novo e quando eles gostam de trabalhar têm aqui mesmo uma mãe, quando não gostam de trabalhar é uma madrasta,(...), eu gosto que as pessoas se sintam bem aqui.</p> <p>(...)eu gosto de trabalhar , em grupo ..., e claro estou sempre disposta a ajudar com algum problema que surja ...</p> <p>É assim eu acho que existe sempre uma relação de amizade, nunca tive problemas com docentes, nunca, nos anos que trabalhei..., de partilha também, porque partilhamos materiais e o que estiver aqui ..., o que é meu é deles, eles podem utilizar à vontade e também nunca tive assim pessoas que fizessem caixinha com materiais ...</p> <p>(...) as pessoas tratam-me bem, eu ponho-as à vontade, tratam-me por professora Marília porque acham-me já muito velha (...)</p> <p>(...) costume dizer que as pessoas tem que ser honestas, verdadeiras para mim e para elas, portanto se as pessoas não estão bem psicologicamente, ou porque estão a muitos quilómetros de distância, para mim será a minha função apoiar o docente. (...)</p>
--	---	--

<p><b>3. DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR.</b></p>	<p><i>3.1 Análise do formador de adultos como adulto e profissional, em construção.</i></p>	<p>A maior parte deles tem segurança suficiente para continuarem a aprender..., a nível de formação inicial, a educação com adultos é nula, mas os formadores são receptivos a aprenderem...</p> <p><i>(...) penso que ao contactar com os próprios alunos eles vão também enriquecendo e ..., estamos sempre a aprender, vamos aprender sempre até morrer ...</i></p> <p>É assim a experiência que eu tenho e o espectro que eles me dão é que eles crescem muito como pessoas e como profissionais também porque acaba por ser uma experiência diferente..., única, portanto acho que há ali uma troca de saberes muito enriquecedora e quem tem passado por aqui dizem mesmo que é uma experiência que não esquecem e que é para repetir...</p> <p><i>(...) as pessoas, que lidam comigo, que trabalham comigo não sejam como eu (...) as pessoas acrescentem diversidade a todo este trabalho que vem sendo feito, enriquecendo este sistema (...) A maioria dos colegas que tem passado por cá, é como eu lhe digo tem vivido isto. Saem de cá com a missão cumprida, com este espírito de missão cumprida, mas saem de cá com muitas inquietações e com muitas interrogações e isso é que é o desejável.</i></p> <p><i>Os formadores no final do ano e mesmo antes do final do ano dizem-me que estão a gostar muito da experiência, que ficam mais ricos em termos ..., no aspecto humano ..., claro que no início encontram algumas dificuldades, mas depois acabam por superá-las e ficam contentes e enriquecidos com a experiência ...</i></p> <p>Bom, eu acho que nós como classe, somos uma classe em crise, temos que repensar o nosso papel como pessoas, como elementos da sociedade para podermos contribuir para a mudança do nosso país (...)</p> <p><i>(...) há uma grande falta de profissionalismo, nós estamos a sofrer as consequências das novas políticas deste governo (...) aquilo que eu vejo é que as pessoas têm muita falta de profissionalismo, não é só na Educação de Adultos, é ao nível de todos os ensinos. Nós temos que ser profissionais de corpo inteiro, (...)</i></p> <p><i>(...) também lhe digo uma coisa tenho encontrado muito bons profissionais ...</i></p> <p><i>(...) alguns não aceitam a construção, é do género, eu sou rei posso e mando e como eu penso é que tem que ser, já me tem acontecido situações dessas, outras vezes as pessoas tentam adaptar-se à realidade que tem na frente (...).</i></p> <p><i>(...) acho que o professor está sempre em construção. E é com a experiência que se vai ganhando competências, mesmo a nível profissional ..., as várias vivências e as várias experiências também nos trazem competências...</i></p> <p><i>(...) e eles vão sair mais... mulheres quando acabarem o ano depois desta etapa, com muitas dificuldades, (...) as pessoas já reconheceram que fizeram alguma coisa, já conseguiam..., pelo menos já não tinham aquele pré conceito da fichite ..., quer dizer já se notou uma evoluçõzinha e ...,</i></p>
--	---	---

	<p>3.2 Orientações que presta para enriquecer essa construção.</p>	<p>Pois, tento sempre indicar alguma bibliografia que eles possam consultar...          (...) forneço bibliografia de acções de formação que eu vou, tento dar sempre a bibliografia, para eles verem sempre o que podem fazer, logo do início para eles não cometerem erros logo do início...          (...) porque se começam a usar fichas do 1º ciclo, as pessoas se desmotivam, imaginemos um formando com 70 ou 80 anos a ouvir, pa, pe,pi,po,pu...          Não, isso é uma coisa que eu tento logo explicar, digo-lhes para eles começarem pelas experiências deles ...  <i>eu dou esse tipo de orientações e eles acatam-nas ..., nas primeiras aulas eu apercebi-me que eles falavam baixinho e alertei-os para o facto que tinham de falar mais alto, a letra no quadro tem que ser maior, para eles poderem ver, tem que ser uma letra bem desenhada,..., o professor tem que ter atenção a esses pormenores, porque as pessoas não dizem nada, sentem-se inibidas ...</i>          Há sempre determinadas situações em que vamos pesquisar à Internet, coisas que não existe nos livros, nos almanaques e muitas vezes temos que ir pesquisar à Internet (...)          Tento chamá-lo à atenção, eu não gosto de impor, gosto de sugerir, olha não seria melhor assim, eu só imponho quando estou perdida do juízo com eles, (...) eu vejo a docência como uma mistura de relação, interacção com os outros, lá está aquilo que Paulo Freire dizia que ele não tinha um método, uma pedagogia de desenvolvimento, uma coisa que eu sempre lhes digo façam histórias de vida, conversem com as pessoas é muito, muito importante, utilizem materiais, o cheque, o telefone, etc.... Também para o coordenador é frustrante, para o ano vê outras pessoas chegarem          (...) neste momento sinto que elas beberam tudo aquilo que nós tentámos...ensinar..., ninguém ensina nada a ninguém ..., ajudá-las a enfrentar uma turma, porque uma aula com os adultos são duas horas e as horas tem o tempo que a gente queira, se fizermos com prazer são pequeninas, se nós tivermos insatisfeitos, traumatizados, com medo não sei o que é que hei-de fazer as horas tornam-se insuportáveis. Eu acho que foi esse prazer que eu tentei transmitir e falo delas com muita ternura...          (...) o apoio também é dado semanalmente, porque nós temos reuniões semanais, portanto a acompanhamento é muito sistemático, fazemos as planificações mensais ..., fazemos uma anual, com as actividades que pretendemos fazer e depois fazemos mensalmente, semanalmente são construídos os materiais e conversamos um bocadinho sobre os alunos, portanto é um espaço de reflexão ...</p>
--	--	---

	<p>3.3 Formação dos educadores de adultos.</p>	<p>(...) tem muita importância a formação. Penso que na formação inicial os professores deveriam ter alguma formação para Educação de Adultos (...) era fundamental haver formação, logo na formação inicial...</p> <p>Isto tem sido uma das coisas que nós nos temos debatido (...)</p> <p>(...) era importante formação acho que sim, (...)</p> <p>(...) Porque nós acabamos por encontrar formadores que não tem nada a ver com os adultos ..., portanto isto tem muito a ver com a parte relacional mesmo, depois a nível da formação acabam por não conseguir também transmitir aquilo que é necessário ...</p> <p>(...)o saber ser e é o saber estar, porque o saber fazer, nós conseguimos pôr uma pessoa a saber fazer, mas é muito mais difícil saber ser do que saber estar. Veja só a competência de trabalhar em equipa, é uma competência ... é muito difícil, E é isso que as escolas, é isso que a educação de adultos, que é aquilo que nos traz cá tem que praticar também, cada vez mais o trabalho de equipa, cada vez mais um trabalho de partilha de saberes e de conhecimentos e depois dali passar à acção, e vamos ver se isso virou competência ou não e vamos reconhecer, validar e certificar, é sempre este processo circular, portanto convém na educação de adultos apostar nesta lógica deste processo circular também ...</p> <p>É o caso destas duas..., mas quando têm qualquer dificuldade falamos (...) mas se tivessem uma formação, claro que era mais fácil ...</p> <p>Eu acho que sim, os professores tem que ter formação...</p> <p>(...) a formação que eles trazem da universidade, por exemplo um professor do ensino básico, não me parece que seja muito virado para a Educação de Adultos, os de Intervenção Comunitária estão mais virados para a Educação de Adultos, sabem compreender melhor o adulto, os outros a experiência é que lhe traz esses ensinamentos, porque a nível universitário não vem nada preparados...</p> <p>(...), é preciso ser repensada (...)</p> <p>(...) dos casos que me tem aparecido, a ESE de Faro ainda consegue ser a melhor em relação ao resto do país.(...)</p> <p>Há casos (...) nunca tinham ouvido falar em Paulo Freire, nunca tinham ouvido falar em educação de adultos, nunca tinham ouvido falar em alfabetização, portanto é angustiante quem recebe (...)</p>
--	--	---

<p><b>4. NECESSIDADES SENTIDAS PELOS DOCENTES.</b></p>	<p><i>4.1 Maiores dificuldades dos educadores de adultos.</i></p>	<p><i>Às vezes é difícil encontramos aquele material que precisamos, sem dúvida, às vezes é difícil e muito embora já tenha muito material, cada ser é um ser, cada formando é um formando e às vezes para aquele formando faz falta um determinada..., também o ensino de adultos não é uma fichite, também é importante fazer outros trabalhos, debate, falar sobre os assuntos, as preocupações das pessoas (...)</i></p> <p><i>No início é mais a diferença de idade..., mas depois criam uma relação muito boa com os adultos, ... (...) em relação aos idosos do centro dia, sentem um pouco mais de dificuldade em motivá-las, tem que se ter estratégias diferentes com essas pessoas...,</i></p> <p><i>As maiores dificuldades penso que é quem está fora vir para cá, as dificuldades em relação aos alunos não têm dificuldades, porque eles também não são problemáticos, em relação aos docentes não temos problemas de relacionamento ...</i></p> <p><i>Quando começam pela primeira vez, realmente é a falta dos manuais, todos eles dizem da falta de manuais. (...)</i></p> <p><i>Uma das dificuldades que eles sentem é o facto de não terem um programa, terem um referencial, essa é uma das dificuldades (...) na Educação de Adultos não é preciso ter um programa basta ter um referencial, algo que serve de referencia e a partir dali trabalha-se tudo..., essa é uma das dificuldades (...)</i></p> <p><i>(...) não tem muitos materiais de apoio tem de construí-los, aqui na coordenação temos alguns materiais ..., há pessoas que gostam mais de criar do que estar a copiar do outro, normalmente (...)</i></p>
--	---	---

	<p>4.2 Formas de intervenção, por parte do supervisor.</p>	<p><i>No aspecto de acompanhamento dos cursos ..., portanto reuniões iniciais com a formadora, acompanhamento dos cursos, exposição de material, a ..., falarmos um pouco também sobre o material, ver como é que se pode trabalhar, seleccionar as palavras e ver quais os temas que podemos abordar, a ..., avaliação final e ..., é mais ou menos isso, ver as estratégias ..., quando são professores não nos procuram tanto nesse sentido, quando é um monitor sentem mais dificuldade ..., (...)</i></p> <p>Faço o acompanhamento aos cursos, este ano temos as reuniões formais onde vou dando o feed back da reunião da aula que fui assistir, portanto o que me pareceu menos bem digo, olha é melhor fazer assim ..., e a própria organização do curso vai sendo falado com o formador que vem aqui...</p> <p>É quase tudo tão natural que não tenho..., é como disse há pouco quando há qualquer coisinha, qualquer arestazinha que eu acho que devo dizer..., às vezes até tenho pena de ter que dizer mas (...) sim, sim é verdade, porque vejo que as pessoas agem sem intenção e dá-me pena...</p> <p>A nível pedagógico (...), planificamos, planifico com eles anual e depois semanalmente eles planificam, para o Centro de idosos faz-se uma planificação diferente, pois o nível de exigência é diferente(...), abordamos as histórias de vida, os projectos de vida, observo as aulas...</p> <p>(...) nós divulgamos os cursos nossos, das entidades privadas, fazemos o acompanhamento técnico pedagógico..., fazia-se ao extra escolar, ao recorrente..., agora fazemos ao extra escolar, às acções complementar, ao recorrente, fazemos o acompanhamento dos cursos das entidades privadas, os cursos EFA, fazemos..., sempre que somos solicitados por alguma instituição, deslocamo-nos aos cursos (...) para ver como é que estão a decorrer as coisas, para ver se há algumas questões que os alunos queiram ver tratadas mais pormenorizadamente...</p> <p>Em termos de animação organizamos colóquios, encontros, sobre temas que estejam a tratar...</p> <p>(...) tenho muito material na coordenação que no início coloco ao dispor deles (...)</p> <p>(...) fazemos a constituição das turmas (...)</p> <p>(...) forneço alguns textos sobre o método de Paulo Freire (...)</p> <p>(...) oriento não só para o formando, mais uma vez tento orientar, não só ao nível micro, mas ao nível meso e macro, fazendo lembrar aos colegas e aos outro actores intervenientes que efectivamente temos que projectar a estes três níveis, para não ficarmos fechados sobre nós próprios, o nível meso é o nível da equipa, o nível da organização, o nível macro é o nível societal é ai que nós temos que empactar, porque a lógica eu tenho o meu trabalhinho de casa feito, ... o trabalhinho nunca estará feito, (...)</p> <p>(...) semanalmente vamos sempre fazendo uma formação contínua, quando digo contínua, continuada, aliás construí uma grelha com elas, construímos grelhas daquele género, problemas, fraquezas, a ..., potencialidades, quer dizer tentei construir com elas grelhas de aprendizagem (...)</p>
--	--	--